

A FACILIDADE DO ACESSO (OU O ACELERADO EMPOBRECIMENTO DO GESTO DE MONTAR)

LA FACILIDAD DE ACCESO (O EL ACELERADO EMPOBRECIMENTO DEL GESTO DE MONTAR)

Rodrigo AMBONI*

Resumo: Em *Depois do futuro*, Franco Berardi propõe que vivemos uma verdadeira mutação antropológica na infraestrutura social, que afeta tanto o psiquismo individual quanto o coletivo. Segundo ele, nossa incapacidade de absorver o excesso de informações que recebemos do ciberespaço faz do presente um tempo tão denso que o cérebro encontra dificuldades de se projetar para fora do momento presente, desembocando no que Berardi chama de *o século sem futuro*. Este ensaio propõe pensar essas questões trazidas por Berardi a partir de alguns conceitos de Walter Benjamin – em especial os de experiência, memória e história – e encontrar brechas, através de uma noção de montagem como gesto inerente ao pensamento, para articular com os espectros do passado, que rondam o século XXI, presentes que permanecem em estado de latência.

Palavras-chave: Montagem, Experiência, Ciberespaço, Franco Berardi, Walter Benjamin

Resumen: En *Después del futuro*, Franco Berardi sostiene que vivimos una verdadera mutación antropológica en la infraestructura social, que afecta tanto al psiquismo individual cuanto a lo colectivo. Según el autor, nuestra incapacidad de absorber el exceso de informaciones que recibimos del ciberespacio hace del presente un tiempo tan denso que el cerebro encuentra dificultades para proyectarse fuera del momento presente, desembocando en lo que Berardi denomina *el siglo sin futuro*. Este ensayo propone pensar estas cuestiones elaboradas por Berardi a partir de algunos conceptos de Walter Benjamin – en especial los de experiencia, memoria y historia – y encontrar fisuras a través de una noción de montaje como gesto inherente al pensamiento, para articular con los espectros del pasado, que rondan el siglo XXI, presentes que permanecen en estado de latencia.

Palabras-clave: Montaje, Experiencia, Ciberespacio, Franco Berardi, Walter Benjamin

Riqueza e rapidez, eis o que o mundo admira e a que todos almejam. Ferrovias, correio expresso, barcos a vapor e todas as possíveis facilidades da comunicação são aquilo a que o mundo culto almeja para se sofisticar e, com isso, permanecer na mediocridade. (...) Na verdade, este é o século para as cabeças capazes, para pessoas práticas e de entendimento rápido que, equipadas com uma certa destreza, sentem-se superiores à massa, mesmo não sendo elas mesmas aptas para aquilo que é supremo. Atenhamo-nos o mais que pudermos à mentalidade da qual viemos; nós, juntos talvez a alguns poucos, seremos os últimos de uma época que tão logo não retornará.

Johann Wolfgang von *Goethe*

Cartografia das redes (ou as novas configurações do poder)

* Cineasta e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CNPQ. rodrigo_amboni@yahoo.com

Em 1992, Bill Gates chega a uma máxima que seria determinante para a construção do seu império, a *Microsoft*. Em uma carta para o linguista Thomas Sebeok, dialogando sobre a questão das interfaces de facilitação do acesso informático, Gates escreve: *Power is: making things easy*. Franco “Bifo” Berardi dirá que é uma frase “iluminadora sobre a própria essência do poder porque é concebida e pronunciada por uma pessoa que soube acumular poder econômico por meio da criação de tecnologias linguísticas” (BERARDI, 2019, p. 120); e irá propor que a partir daí podemos ver o poder de outro modo: se antes identificávamos o poder com a força ou com uma ação que vem de cima e impõe modelos de comportamento, agora, Bill Gates e sua máxima nos dizem “que na gênese do poder está a facilitação dos processos cognitivos, a facilitação do acesso e do percurso” (BERARDI, 2019, p. 121).

A criação da *world wide web* proporcionou um avanço significativo da internet. Como compara Bifo, antes do surgimento do *www*, a rede era um território rural repleto de pequenas estradas de terra, mas sem nenhuma rodovia. Encontrar uma página na internet nos primórdios da rede era o mesmo que procurar por um casebre perdido no meio da imensidão do campo. Não havia nenhuma simplificação do processo de comunicação direta. A *world wide web* foi uma espécie de “passagem decisiva de um universo virtual sem mapa para um universo virtual cada vez mais cartografado” (BERARDI, 2019, p. 120). Se pensarmos que a construção de rodovias favorece o fluxo de mercadorias e atende a um trânsito de pessoas voltado especialmente ao trabalho, podemos imaginar que o processo de cartografia do espaço virtual não teria outro destino (e outra finalidade) que a sua regulamentação pelo poder econômico, beneficiando o surgimento de grandes monopólios e a sua apropriação pelo mercado; afinal, rodovias são construídas para as mercadorias chegarem com maior velocidade ao seu destino. Rodovias servem para os trabalhadores chegarem mais rápido ao local de trabalho. Rodovias são grandes espaços privados (construídos com dinheiro público) destinados a acelerar e facilitar o fluxo do capital. Rodovias nos impõem um destino de partida e outro de chegada. Assim que, apesar de toda a agitação e excitação utópica dos potenciais democráticos da rede, não demorou muito para se chegar na sua face distópica:

Quando a Microsoft lançou o Windows95, o novo sistema operacional que contém o Explorer, interface de acesso à rede, a comunidade de rede alertou sobre um perigo. Delineava-se a possibilidade de uma superposição progressiva entre cartografia, interface de leitura e sistemas operacionais que possibilitam o uso das interfaces. E isso significa a penetração de uma lógica monopolizadora no universo da comunicação reticular. Estava se formando um monopólio vertical que

objetivava pôr nas mãos de um único produtor os diversos níveis da produção da comunicação. (BERARDI, 2019, p. 120)

Se antes, para procurar pelo casebre no meio da imensidão do campo era necessário um processo empírico, que implicava em tentativas e erros, relações com o espaço e com as pessoas que o habitam (quem nunca parou para pedir informações? quem nunca se deu conta, ao passar por uma árvore ou uma casa, e disse: “já passamos por aqui antes!”); agora nos relacionamos com o GPS, ou seja, com o aparelho. Se antes essas relações nos permitiam ter um contato maior com o percurso, descobrindo suas ruas, registrando na memória os lugares, os gestos de seus habitantes, enfim, um olhar sensível voltado para a percepção do mundo exterior, agora olhamos indiferentes para o interior da máquina. Trata-se de um processo de enfraquecimento da percepção do mundo exterior e do empobrecimento da experiência, tal qual já nos falava Benjamin na primeira metade do século XX, em um grau elevado e num ritmo cada vez mais acelerado. E, nesse caso, a perda está relacionada à facilidade. Facilitado o acesso, processos intuitivos e cognitivos vão sendo cada vez menos necessários: máquinas, programadas por funcionários de megacorporações, instruídos ideologicamente para nos facilitar o processo e o acesso, obtendo vantagens econômicas e políticas, faz todo o percurso por nós, retirando-nos uma potência inerente ao próprio pensamento: a montagem. E assim, entramos no buraco, ou como coloca Bifo:

Poderíamos descrever a formação das relações de poder como criação de um sistema de planos inclinados. Se formos capazes de construir planos inclinados que permitem aos fluxos sociais, econômicos, informativos deslizarem pacificamente em direção a um único orifício, então o poder se torna um orifício. “*Making things easy*” significa facilitar o percurso em direção ao orifício que constitui o acesso ao lugar onde o domínio se oculta. (BERARDI, 2019, p. 121)

Sem ter mais a necessidade de fazer o percurso ou fazendo o percurso automaticamente, sem entender, sem experienciar o processo ou o porquê de fazer esse percurso e não outro, o usuário da rede torna-se um consumidor passivo, com baixo poder cognitivo, transformado em uma estatística valiosíssima a se oferecer ao anunciante: uma mercadoria que consome mercadorias e é consumida por elas. E, também, seus dados, oferecidos à exaustão para essas empresas, tornam-se uma poderosa ferramenta de manipulação nas disputas geopolíticas em curso no planeta, que promovem golpes de estado, gigantescas manifestações populares, a quebra de grandes empresas nacionais e toda sorte de assombrosos ataques às soberanias dos países e aos direitos coletivos, como os experienciados no Brasil dos últimos anos.

Essa conexão direta, chamada de interface de facilitação, apesar de mudar a configuração do poder, nada mais é do que mais uma forma de violência e controle adquirido por um pequeno grupo de pessoas que administram grandes monopólios formados a partir de empresas que desenvolvem tecnologias de informação. “*Making things easy*” foi um processo determinante para a construção de um mundo global que foi lentamente nos oferecendo, “democraticamente”, a possibilidade de perder o poder cognitivo, o poder de associação, de montagem, de desmontagem, de aproximar e distanciar, de ver as semelhanças e as diferenças nas coisas de formas singulares e plurais. *Making things easy* inclinou tanto o mundo, que entramos todos no mesmo buraco. E nesse buraco do mundo inclinado, a terra virou plana, chata.

Uniformização das massas (ou “organizar o caos” por meio da concentração de poder)

A metáfora dos planos inclinados trazida por Bifo nos fala, por um lado, de uma condução massiva, e sutilmente forçada, em direção aos grandes monopólios que, num primeiro momento, pareciam oferecer a democratização dos meios para, alguns anos mais tarde, entendermos que se tratava de um domínio total sobre estes; e por outro lado, refere-se à articulação de um discurso homogeneizante que, dissimulado, impõe a noção de que não há outra alternativa.¹ É importante ressaltar que essa metáfora da inclinação que sugere Bifo é um complexo e difuso processo que se encontra enraizado em uma lógica capitalista que possibilitou, desde os seus primórdios, a concentração de poder e riqueza com o auxílio de consideráveis avanços tecnológicos que, por sua vez, aceleraram vertiginosamente esse processo de concentração.

Friedrich Kittler, na introdução do seu livro *Gramófone, filme, typewriter*, publicado em 1986, começa problematizando o processo de cabeamento de fibra ótica na sua República Federal Alemã:

as pessoas vão depender de um canal de comunicação que serve para qualquer mídia. Se filmes e músicas, telefonemas e textos chegam às casas por meio de cabos de fibra ótica, as mídias como a TV, o rádio, o telefone e o correio, até então separadas, se fundem, padronizadas por frequência de transmissão e formato de bits (KITTLER, 2019, p. 21)

Assim como praticamente todos os avanços tecnológicos, por trás da substituição dos cabos de cobre por cabos de fibra ótica está a sempre iminente possibilidade da guerra. Essa substituição, conforme Kittler, foi uma solução encontrada pelos estados para protegerem suas redes de comunicação de possíveis ataques a

bombas, uma vez que as explosões nucleares espalham um pulso eletromagnético que arruinaria os computadores conectados a uma rede de cobre. Mas, também, o que está por trás da instalação dos cabos de fibra ótica é a concentração da circulação de informações e até mesmo a concentração dos próprios meios de comunicação em um mesmo buraco, nesse caso em uma mesma rede de cabos. Os problemas dessa concentração, dessa inclinação exclusivamente para esses cabos, hoje são numerosos e notáveis: é possível cortar de uma só vez com toda a comunicação de um país (como está ocorrendo neste momento em Mianmar após um golpe de estado), controlar e armazenar todo o fluxo de dados dos usuários, portanto, espionar, assediar, sabotar pessoas, empresas, organizações sociais e os próprios governos, como já sabemos que está sendo feito em larga escala pelo governo norte-americano através da sua agência de segurança nacional, a NSA; além disso, essa concentração facilitou o surgimento – ironicamente em San Francisco, cidade dos grandes utopistas da era digital, onde foi fundada a Electronic Frontier Foundation² - dos grandes monopólios como google e facebook, que praticamente concentram e armazenam todos os fluxos de dados que circulam nas redes e os utilizam (comercializam) como lhes convém, sem nenhum tipo de regulamentação eficaz no que diz respeito à privacidade e a segurança dos usuários.

Para ajudar a compreender a lógica desses acontecimentos, uma boa alternativa (entre tantas outras) é retornarmos para 1928, ano do lançamento do livro *Propaganda*, de Edward Bernays. Com seus ideais de uma democracia capitalista e na crença de que o progresso salvaria a humanidade, Bernays (considerado o fundador do que hoje chamamos de relações públicas) não apenas sonhou com essa concentração de poder, essa inclinação para o mesmo ofício, como teve muitas de suas propostas colocadas em prática. Ao argumentar que nos Estados Unidos da América do início do século XX a diversidade era muito grande e os vários grupos que se formavam tinham caracteres, desejos e objetivos diferentes, Bernays consente com a necessidade de que um pequeno grupo de notáveis e bem intencionados homens deveriam conduzir essa massa informe para interesses comuns da nação. E assim ele começa o primeiro capítulo do livro, que tem o título de “Organizar o caos”:

La manipulación consciente e inteligente de los hábitos y opiniones organizados de las masas es un elemento de importancia en la sociedad democrática. Quienes manipulan este mecanismo oculto de la sociedad constituyen el gobierno invisible que detenta el verdadero poder que rige el destino de nuestro país. (BERNAYS, 2008, p. 15)

Essa proposta de homogeneização das massas, que serviu de orientação para a democracia norte-americana do século XX e também para a Alemanha nazista, consistia

basicamente em rejeitar as diversidades, as singularidades e as multiplicidades para assim construir uma sociedade homogênea, *concentrada* em torno dos mesmos objetivos – objetivos estes, claro, determinados por esses anônimos que governam nas sombras. O que mais chama a atenção ao ler Bernays hoje, em um mundo caótico e governado por esse pequeno número de homens já nem tão invisíveis³, é a naturalidade com a qual ele trata a manipulação das massas, a clareza que ele tem do funcionamento dos mecanismos de poder nesse regime autoproclamado (e publicitado como) democrático e a importância que ele dá para que esse pequeno grupo de pessoas dirijam os destinos de um país e até mesmo do mundo:

En teoría, cada ciudadano toma decisiones sobre cuestiones públicas y asuntos que conciernen a su conducta privada. En la práctica, si todos los hombres tuvieran que estudiar por sus propios medios los intrincados datos económicos, políticos y éticos que intervienen en cualquier asunto, les resultaría del todo imposible llegar a ninguna conclusión en materia alguna. Hemos permitido de buen grado que un gobierno invisible filtre los datos y resalte los asuntos más destacados de modo que nuestro campo de elección quede reducido a unas proporciones prácticas. Aceptamos de nuestros líderes y de los medios que emplean para llegar al público que pongan de manifiesto y delimiten aquellos asuntos que se relacionan con cuestiones de interés público; aceptamos de nuestros guías en el terreno moral, ya sean sacerdotes, ensayistas reconocidos o simplemente la opinión dominante, un código estandarizado de conducta social al que nos ajustamos casi siempre. (BERNAYS, 2008, p. 17)

É interessante notar que, para Bernays, o surgimento de um governo invisível só foi possível devido à invenção e desenvolvimento de meios técnicos que aumentaram a velocidade e a amplitude da circulação da informação. Esses meios foram indispensáveis para poder disciplinar a opinião pública numa sociedade que a cada dia tornava-se mais complexa e confusa: “la imprenta y el periódico, los ferrocarriles, el teléfono y el telégrafo, la radio y los aviones permiten extender las ideas velozmente, o incluso en un instante, a lo largo y ancho de Estados Unidos” (BERNAYS, 2008, p. 19). Ao comentar um artigo escrito por H. G. Wells para o jornal *The New York Times*⁴, Bernays diz que as possibilidades que oferecem os novos recursos tecnológicos de transmitir ideias instantaneamente para um grande número de pessoas localizadas em qualquer região do país, avançam tanto na esfera política quanto sobre os processos produtivos, comerciais, sociais e demais atividades e manifestações massivas, facilitando assim uma integração geográfica “de suerte que aquellos individuos que comparten las mismas ideas e intereses pueden ser asociados y disciplinados en aras de una acción común aunque vivan a miles de kilómetros de distancia” (BERNAYS, 2008, p. 20). A epígrafe deste ensaio, escrita aproximadamente 100 anos antes do livro de

Bernays, na qual Goethe menciona que é a rapidez e a riqueza o que o mundo admira e todos almejam, deixa em evidencia como os tempos atuais vinham sendo esboçados a partir de uma lógica de desenvolvimento tecnológico focada na aceleração, no encurtamento entre as distâncias e na concentração de riqueza e poder. Aquele começo de século XIX, que já vinha preparando o terreno para “cabeças capazes, para pessoas práticas e de entendimento rápido que, equipadas com uma certa destreza, sentem-se superiores à massa, mesmo não sendo elas mesmas aptas para aquilo que é supremo” (BENJAMIN, 2020, p. 19), tornou-se realidade nas mediocres cabeças dos homens brancos, milionários e sofisticados que Bernays identificou como os mais apropriados para conduzirem as sociedades (democráticas) capitalistas no início do século XX.

Aceleração dos estímulos (ou os corpos mediados pelas máquinas)

Ao pensar sobre as transformações provocadas na percepção das sociedades modernas, Benjamin traz como exemplo o espaço urbano, que é tomado pela multidão e torna-se cada vez mais complexo e acelerado. Nessa nova situação vivida nas grandes metrópoles, as experiências ópticas dos indivíduos são fortemente abaladas pelo trânsito e “mover-se através dele significa para o indivíduo sofrer uma série de choques e colisões. Nos pontos de cruzamento mais perigosos, atravessam-no vários choques nervosos em rápida sequência, como descargas de uma bateria” (BENJAMIN, 2015, p. 128). Ao comparar os transeuntes de *O homem da multidão* de Poe – que lançavam olhares no meio da multidão para todos os lados e sem motivos – com os do início do século XX, Benjamin nota que estes focam seus olhares para se orientarem no trânsito e com isso constata que “a técnica foi submetendo o sistema sensorial humano a um treino complexo” (BENJAMIN, 2015, p. 128). Com essa observação, Benjamin não apenas está pensando sobre as transformações na percepção do indivíduo moderno, como também está percebendo uma sociedade que se utiliza da tecnologia para o seu próprio disciplinamento.

No seu *Depois do futuro*, Bifo propõe uma noção de máquina externa e máquina interna. A máquina externa, que ele relaciona à época moderna, era uma máquina que agia fora do corpo e da mente, uma máquina visível no espaço urbano e das fábricas. Já a máquina interna é uma máquina biopolítica, psicofarmacológica – “que age no interior do corpo graças a potências de tipo químico, biotécnico” (BERARDI, 2019, p. 16) – e semiótica, bioinformática, “a rede como concatenação que torna possível uma deslocalização dos processos produtivos” (BERARDI, 2019, p. 16-17). A máquina

interna se entrelaça com o sistema nervoso social, com a genética do organismo humano, é “uma nanomáquina capaz de produzir mutações no agente humano” (BERARDI, 2019, p. 16). Bifo irá então identificar, nessas noções de máquinas externas e internas, uma passagem de um regime disciplinar para um regime de controle. Se no primeiro caso a máquina se constitui diante do corpo humano – ou seja, é uma máquina externa ao corpo (que se mantinha pré-técnico) e à mente –, provocando uma experiência autônoma e coisificada: “a peça que lhe cabe surge no raio de ação do operário independentemente da sua vontade. E desaparece do seu controle da mesma forma arbitrária” (BENJAMIN, 2015, p. 128), disciplinando o corpo ao ritmo uniforme e constante da máquina, portanto, regulando normativa, legal e institucionalmente o corpo e a mente; no segundo caso (que Bifo identifica com os tempos atuais e costuma usar o termo *posmodernidade*) a máquina não está mais apenas diante e sim dentro do corpo e da mente: “os corpos não podem se relacionar nem a mente se expressar sem o suporte técnico da máquina biopolítica. Por isso, não é mais necessário o processo de disciplinamento político, legislativo, violento e repressivo. O controle se dá inteiramente a partir da própria máquina interna” (BERARDI, 2019, p. 17).

A questão para Bifo é que se antes a velocidade estava concentrada nas máquinas externas, agora a velocidade se transferiu para a informação, ou seja, a velocidade foi internalizada, o que Bifo chama de automatismo psicocognitivo (se buscarmos a origem etimológica da palavra informação, *informatio, onis*, do latim, que seria algo como conceber ideia, dar forma a uma ideia, configurar uma ideia, podemos pensar na própria noção de informação como um processo interno). No modelo fordista/taylorista um grande número de operários trabalhavam de forma coordenada e sincronizada sobre fragmentos que eram recompostos e unificados pela máquina. Essa dinâmica do processo de montagem provoca um tipo de alienação estimulado por movimentos repetitivos de seres humanos que não tem a compreensão do todo (nem o acesso a ele, já que são protegidos por leis de propriedades intelectuais): essa tarefa fica a cargo da máquina e dos engenheiros que a projetaram. Por outro lado, na máquina interna, somos afetados por um acelerado fluxo de informações completamente fragmentadas as quais não temos mais a capacidade nem o tempo necessário para processar e organizar, provocando uma alienação e uma anestesia acelerada e que estamos ainda em um estágio inicial de compreensão dos seus efeitos, apesar das mostras devastadoras de sua força nos últimos anos.

Essa noção de internalização da velocidade pode ser muito significativa para entendermos a atualidade. No século XX, por intermédio da máquina externa da qual

nos fala Bifo, concretizou-se a colonização do espaço planetário: “Os meios de transporte permitiram chegar a cada centímetro do planeta, que pôde, assim, ser conhecido, marcado, esquadrinhado, submetido ao controle e à exploração” (BERARDI, 2019, p. 19). Essas máquinas não somente permitiram ao ser humano percorrer toda a superfície do planeta e deslocar-se em alta velocidade, mas também o permitiram “penetrar nas vísceras da Terra, sugar os recursos que estavam escondidos sob a crosta terrestre, ocupar cada espaço visível com produtos replicados mecanicamente” (BERARDI, 2019, p. 19). Bifo alega que enquanto havia a possibilidade de a máquina externa projetar-se por novos territórios ainda inexplorados, havia um futuro a ser conquistado, o que traz para a noção de futuro não apenas uma dimensão temporal, mas também uma dimensão espacial. Quando o espaço terrestre havia sido completamente explorado e colonizado, tudo indicava que o próximo passo seria a exploração de outros planetas. A chamada guerra fria desencadeou uma corrida espacial. Chegou-se à lua. Mas essa corrida espacial, pelo menos aparentemente, desacelerou, principalmente no que diz respeito à colonização de outros planetas, e se intensificou no que diz respeito ao desenvolvimento de satélites e outras tecnologias de comunicação alojadas no espaço, mas com sua atenção (ou sua mira) voltada para o planeta terra; e assim a direção de expansão e de desenvolvimento voltou-se para a conquista do espaço interno, do mundo interior, “iniciou-se a colonização da dimensão temporal, ou seja, do vivido, da mente, da percepção” (BERARDI, 2019, p. 19-20) e da alma. É o começo de um processo que vai desembocar no que Bifo chama de *o século sem futuro*.

O espaço interno, ao qual se refere Bifo, abarca a noção de ciberespaço e cibertempo. O ciberespaço é “a esfera de interação de várias fontes humanas e mecânicas de enunciação, a esfera da conexão entre mentes e máquinas” (BERARDI, 2019, p. 108), ou seja, é o ponto de intersecção virtual dos conteúdos gerados por inúmeros emissores, um ponto que interliga pessoas, documentos e máquinas (a intersecção do corpo orgânico com o corpo inorgânico da máquina eletrônica), e, ao que tudo indica, tem virtualmente uma capacidade de expansão ilimitada. Por outro lado, o cibertempo é a parte exclusivamente orgânica do processo, é a capacidade de elaboração mental no tempo, “o tempo necessário para que o cérebro humano possa elaborar a massa de dados informativos e de estímulos emocionais provenientes do ciberespaço” (BERARDI, 2019, p. 109). Onde há a tensão e o cruzamento entre o sempre expansivo ciberespaço e os limites do cibertempo, Bifo dirá que o que está em jogo é a sensibilidade, a empatia e a ética:

A sensibilidade é a faculdade que possibilita a compreensão empática. É a capacidade de compreender o que não pode ser dito em palavras, de compreender intuitivamente o *continuum* da vida que não pode ser traduzido em simples signos. A sensibilidade é a capacidade de interpretar signos não verbais, graças à capacidade de interpretação que provém do fluxo empático. Essa capacidade, que permitia à raça humana compreender mensagens ambíguas no contexto da relação, está certamente arrefecendo e, talvez, desaparecendo. Submetida à aceleração infinita do infoestímulo, a mente reage na forma de pânico ou de dessensibilização. Parece que está se constituindo uma geração de humanos cuja competência sensorial é reduzida. A habilidade de compreender empaticamente o outro, de interpretar sinais que não tenham sido codificados segundo um código de tipo binário, torna-se cada vez mais rara, cada vez mais frágil e incerta (BERARDI, 2019, p. 20).

Empobrecimento da experiência (ou a informação como campo de batalha)

E o buraco é mais fundo do que parece, é um buraco virtual que avança numa superfície sem fundo e atinge corpos altamente saturados de informação. Sem dúvidas o século XXI é o século em que a informática se consolidou em nossas vidas e que se desenvolveu, principalmente através das redes de internet, uma verdadeira *infomáquina* que se ocupa de nos bombardear de informações incessantemente. Informações na maior parte das vezes desconexas, fragmentadas, sem nenhum tipo de critério ou, se preferirmos, com critérios ocultos e dissimulados, que não apenas simulam realidades, mas transformam o espaço virtual num verdadeiro campo de batalha.

Walter Benjamin relacionou o empobrecimento da experiência ao desaparecimento da arte de narrar, indicando que a informação vinha se sobrepondo à narração. Para Benjamin, “a informação recebe sua recompensa no momento em que é nova; vive apenas nesse momento; deve se entregar totalmente a ele e, sem perder tempo, a ele se explicar” (BENJAMIN, 1995, p. 276), portanto, fecha-se sobre si mesma e não tem nenhuma potência já que, ao fechar-se sobre si mesma, a informação daquilo que foi nos deixa impotentes perante o acontecimento; já a narração não se esgota, “conserva a força reunida em seu âmago e é capaz de, após muito tempo, se desdobrar” (BENJAMIN, 1995, p. 276). A narrativa, compara Benjamin, é como os grãos que foram conservados hermeticamente nas pirâmides egípcias e ainda hoje conservam seu poder de germinação.

Quando Proust, na sua busca pelo tempo perdido, sugere que o passado está escondido em algum objeto material, fora dos domínios da inteligência, e que depende do acaso encontrarmos ou não esse objeto antes de morrermos, ele relega ao acaso a capacidade de um indivíduo “adquirir ou não uma imagem de si próprio, ser ou não

capaz de se apropriar da sua experiência” (BENJAMIN, 2015, p. 109). Benjamin irá questionar essa dependência do acaso proposta por Proust: “as coisas da nossa vida interior não têm, por natureza, esse caráter privado sem alternativa. Só o adquirem depois de se terem reduzido as possibilidades de os fatos exteriores serem assimilados à nossa experiência” (BENJAMIN, 2015, p. 109); e irá pensar justamente nas informações diárias repassadas pelos jornais como um bom exemplo dessa redução das nossas possibilidades. Benjamin diz que a intenção da imprensa não é fazer com que o leitor incorpore as suas informações como parte de sua própria experiência:

os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, clareza e sobretudo a não relação das notícias umas com as outras) contribuem tanto para esse resultado quanto a paginação e o registro de linguagem (Karl Kraus não se cansou de demonstrar como o estilo dos jornais tolhe a capacidade de imaginação de seus leitores). O isolamento da informação em relação à experiência explica-se, em segundo lugar, pelo fato de a primeira não se integrar na “tradição”. Os jornais tem tiragens altas. Nenhum leitor dispõe tão facilmente de qualquer coisa que o outro “queira saber” a seu respeito. Historicamente existe uma concorrência entre as diversas formas de comunicação. Na substituição do antigo relato pela informação e desta pela sensação reflete-se a crescente redução da experiência. Todas essas formas, por seu lado, destacam-se da narrativa, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Para ela, não era importante transmitir a pura objetividade do acontecimento, como faz a informação; integra-o na vida do contador de histórias para passá-lo aos ouvintes como experiência. Por isso, o contador de histórias deixa na experiência suas marcas, tal como o oleiro deixa as das suas mãos no vaso de barro (BENJAMIN, 2015, p. 109).

O problema da informação, que na modernidade vinha se impondo e empobrecendo o ser humano de experiências narráveis, já era um sintoma fortemente percebido por Benjamin pelo menos desde o final da década de 1920. Para ele, o desenvolvimento técnico é um dos motivos dessa nova forma de empobrecimento. Benjamin comenta que a experiência monstruosa da primeira guerra trouxe de volta pessoas mais pobres em experiências compartilháveis e que esse fenômeno não é tão estranho quanto parece em uma Europa tomada pela inflação, pela fome e que colocou, de repente, uma geração, que há poucos anos ia para a escola em carroças, em um “descampado, numa paisagem em que nada se manteve inalterado a não ser as nuvens, e no meio dela, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, o corpo humano, minúsculo e frágil” (BENJAMIN, 2016, p. 86). Em uma guerra na qual um arsenal de novas tecnologias tomou o protagonismo, o choque repentino que foi sentido por esses frágeis corpos humanos só poderia resultar em mudez e na incapacidade de compartilhar experiências: o que foi vivenciado nos campos de batalha, nesse novo

modelo de guerra tecnológica, não tinha nenhuma referência anterior na qual as pessoas envolvidas pudessem se apoiar. É notável o relato de 1909 feito pelo chefe do estado-maior alemão Alfred Graf von Schlieffen, com o título de *Guerra na atualidade*:

Não importa quão grandes forem os campos de batalha, nada oferecerão ao olho. Nada se vê no amplo ermo. Nenhum Napoleão, acompanhado por seu cortejo, se detém no alto da colina. Nem o melhor binóculo lhe mostraria muita coisa. Seu cavalo branco seria alvo fácil de inúmeras baterias. O general está por trás da linha de frente, numa casa com espaçosos escritórios, onde telégrafos a fio e rádio, telefones e aparelhos de sinalização estão à sua disposição. Frotas de automóveis e motocicletas, equipados para as mais longas viagens, aguardam suas ordens. Lá, numa confortável cadeira em uma mesa larga, o Alexandre moderno tem diante de si o mapa de todo o campo de batalha, de lá telegrafa ordens explosivas e lá recebe notícias de seus corpos de Exército e unidades militares, de balões ancorados e aeronaves dirigíveis, que observam os movimentos do inimigo ao longo de toda a linha de frente (SCHLIEFFEN apud ULRICH apud KITTNER, 2017, p. 264).

Para Benjamin, experiência e vivência possuem correlações e temporalidades distintas. Enquanto, por um lado, ele aproxima a vivência da informação e propõe que “o acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido” (BENJAMIN, 1994, p. 37), quer dizer, é um evento que acaba no instante mesmo que acontece; por outro lado, ao aproximar memória, experiência e narração, Benjamin propõe que um acontecimento lembrado é sem limites, “porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p. 37). A experiência não apenas está vinculada à memória, mas promove (ou tem a potência de promover) uma abertura na história, uma vez que mantêm seu poder germinativo e está sempre disponível para irromper no tempo e configurar novos sentidos, novas narrativas.

Se pensarmos, a partir de Benjamin, nessa diferença de temporalidade entre experiência e vivência, narração e informação, e tentarmos trazer essas relações e os sintomas observados por ele no início do século XX (de que a informação vinha se sobrepondo à narração e nos deixando pobres em experiências narráveis) para o início do século XXI, podemos constatar que esse processo tomou proporções tais que seria possível afirmar que a nossa percepção do tempo sofreu fortes transformações. Em uma época puramente informacional, na qual prevalece a vivência em detrimento da experiência e da memória – portanto prevalece uma constante sensação de finitude, de uma novidade que se sobrepõe a outra constantemente – o presente torna-se tão denso que é muito difícil se projetar para fora dele. Ao mantermos nossa percepção temporal presa a um presente que nos satura de informações, somos privados de memória e de experiências, ficamos sem chão, em um profundo estado de inoperância e dormência. O

ritmo que as tecnologias impuseram e os constantes desenvolvimentos tecnológicos superam em muito o ritmo pelo qual somos capazes de acompanhar e absorver esses avanços. É um ritmo que se tornou central, pelo menos nas sociedades ocidentais, e, aparentemente, criou a falsa ideia de que retirou da humanidade a possibilidade de ditar o seu próprio ritmo.

A densidade do tempo (ou a dificuldade de se projetar para fora do presente)

“As impressões e as percepções sensoriais do ser humano”, escreve Valéry, “pertencem em rigor à categoria de surpresa; são testemunho de uma insuficiência do ser humano. A lembrança é um fenômeno elementar, e o seu objetivo é nos proporcionar o tempo necessário para a organização da recepção dos estímulos, que inicialmente nos faltou”. A recepção do choque é facilitada por um treino do controle dos estímulos, para o qual, em caso de necessidade, pode-se recorrer tanto ao sonho como à lembrança. Regra geral, porém – é a suposição de Freud –, esse treino está sob a alçada da consciência desperta, situada numa camada do córtex cerebral “a tal ponto desgastada pelo efeito dos estímulos que proporcionaria as melhores condições para a sua recepção”. O fato de o choque ser assim absorvido, aparado pela consciência, daria ao acontecimento que o provoca o caráter de vivência no sentido mais autêntico. E, ao incorporar esse acontecimento diretamente no registro da lembrança consciente, iria torna-lo estéril para a experiência poética. (BENJAMIN, 2015, p. 112-113).

O que temos agora, numa época de informatização total, é apenas (e não é pouca coisa) o resultado de um projeto sonhado há muito tempo. E este projeto entrou num ritmo no qual sua velocidade não é mais determinada por seres humanos e sim pelas máquinas. E chegou a um nível tão elevado de aceleração que vivemos uma distopia na qual a nossa capacidade de projetar – tanto para o futuro quanto para o passado – foi drasticamente reduzida. Para Bifo, a disparidade entre o ciberespaço (que é uma esfera objetiva que se expande na velocidade da reprodução digital, ou seja, se expande em alta velocidade) e o cibertempo (que tem o seu núcleo na subjetividade humana e, portanto, tem um ritmo mais lento, um ritmo determinado pelas limitações do corpo, ou como coloca Bifo, o ritmo do gozo e do sofrimento) provoca uma saturação da atenção que faz do presente um tempo tão denso “que o cérebro não pode se separar dele, não pode projetar sua experiência para fora do momento presente” (BERARDI, 2019, p. 109). Segundo ele, “para projetar a profundidade temporal, a mente precisa dispor os objetos mentais em perspectiva, elaborar sua relação, a sucessão, a potencialidade. A saturação do cérebro social pelos estímulos informativos tende a impedir isso. O futuro torna-se inimaginável” (BERARDI, 2019, p. 109). É por causa dessa saturação do

cérebro social que Bifo sugere que estamos vivendo uma verdadeira mutação antropológica da infraestrutura social, que afeta tanto o psiquismo individual quanto o coletivo. Para ele, não entenderemos a contemporaneidade se não levarmos em conta que nossa sociedade está em um processo de reprogramação neurológica, psíquica e relacional. E como podemos fazer para compreender essas transformações e operar sobre elas? Talvez seja necessário ainda pensarmos e operarmos em termos de montagem e anacronia, não como ferramentas utilitárias apropriadas pelo capital, estetizadas politicamente e banalizadas em larga escala, mas como gestos que nos possibilitam projetar para fora de um presente altamente saturado, dar um passo atrás, ver as falhas, os buracos, as fraturas, escavar, buscar as semelhanças profundas⁵, os sintomas, aquilo que permanece oculto e ainda opera na atualidade.

Benjamin, comenta Reyes Mate, não se assombrou com o pacto de Hitler com Stalin justamente porque ambos os regimes estavam centrados numa mesma lógica: “os socialistas não diziam que nadávamos a favor da corrente? E Lenin não havia dito que o comunismo eram os soviets mais a eletrificação? Sob essas duas estratégias se ocultava a mesma confiança no progresso” (MATE, 2010, p. 14). O assombro maior era: como não se dar conta que é ineficaz combater o fascismo utilizando-se da sua mesma ideologia e temporalidade? “A hipótese de ele se afirmar [o fascismo] reside em grande parte no fato de os seus opositores o verem como uma norma histórica, em nome do progresso” (BENJAMIN, 2016, p. 13). Reyes Mate, ao fazer uma leitura da crítica do progresso, propõe que Benjamin vai em direção a uma noção de tempo pleno, um tempo que não descarta as ausências. O presente se manifesta de duas maneiras: “presente é, por um lado, o dado, o que chegou a ser e que temos diante de nós; por outro, é aquilo que quis ser e foi malgrado. Enquanto o primeiro presente é história real, o segundo é presente só como possibilidade” (MATE, 2010, p. 92). Não é necessário ir muito longe para entender a leitura de Reyes Mate, basta pensarmos no golpe de estado que se executou no Brasil em 2016 e interrompeu violentamente um projeto em andamento. Esse passado interrompido está latente, “aquilo que foi frustrado logicamente não é objeto da história, mas faz parte de nossa atualidade, ainda que a única razão disso seja a de que o que chegou até nós e nos conforma é a reação” (MATE, 2010, p. 90) brutal a esse projeto. Ao considerar as ausências, aquilo que foi soterrado pela narrativa dos vencedores, não é somente o tempo contínuo que colapsa, mas também esse presente denso que nos impede de projetar nossas experiências para fora dele. Os espectros do passado que nunca chegaram a se efetuar ou foram interrompidos, assombam o

presente e neles contêm uma força desestabilizadora, um gérmen adormecido capaz de alterar a ordem do tempo.

O que Benjamin via no empobrecimento da experiência era um ataque direto à nossa capacidade cognitiva e interpretativa, que cria muitas barreiras a um pensamento poético, intuitivo, associativo, analógico, capaz de relacionar diferenças e semelhanças, montar, desmontar, remontar os acontecimentos, os arquivos, as ideias com pensamentos que se articulam com o passado, operam no presente e projetam possibilidades de futuro(s). Quando Bifo propõe, que “para projetar a profundidade temporal, a mente precisa dispor os objetos mentais em perspectiva, elaborar sua relação, a sucessão, a potencialidade” (BERARDI, 2019, p. 109), ele está pensando em termos de montagem. Com a saturação de informações provindas do ciberespaço, o cibertempo se prende ao presente justamente porque não tem mais a capacidade de montar. Os choques provocados por essa velocidade excessiva são cada vez maiores e acabam por nos anestesiarem e nos paralisar. Essa paralisia está relacionada a nossa incapacidade não apenas de reagir, mas de montar presentes possíveis a partir da tensão com o passado e de todas as suas ausências ainda latentes, que também nos auxiliariam a sonhar futuros. Essa paralisia não tem nenhuma relação com a pausa revolucionária na qual pensou Benjamin. Porque o que precisamos parar é o relógio. Desmontá-lo. Precisamos de tempo não apenas para processar ou absorver, mas tempo para descartar, associar, montar, desmontar. A questão da percepção do tempo hoje talvez esteja emaranhada em um grande paradoxo, porque ele, o tempo, está tão acelerado que causa a impressão de que parou. Ele está tão rápido que já não somos mais capazes de vê-lo se mover, inserimos tantos quadros por segundo no tempo, que as suas imagens pararam.⁶

Referências

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BENJAMIN, WALTER. *Gente Alemã. Uma série de cartas*. Tradução Daniel Martineschen. Florianópolis: Editora Nave, 2020.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Obras escolhidas volume II*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1995.

BERARDI, Franco. *Depois do Futuro*. Traduzido por Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BERNAYS, Edward. *Propaganda*. Traducción de Albert Fontes. España: Editorial Melusina, 2008.

KITTLER, Friedrich. *A verdade do mundo técnico. Ensaio sobre a genealogia da atualidade*. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

KITTLER, Friedrich. *Gramofone, filme, typewriter*. Tradução Guilherme Gontijo Flores e Daniel Martineschen. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história. Comentários às teses de Walter Benjamin Sobre o conceito de história*. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.

¹ Podemos pensar no já não tão dissimulado *slogan* do governo de Margaret Thatcher: “There is no alternative”, que basicamente propagava massivamente a ideia de que não há alternativa ao capitalismo, ao neoliberalismo, à globalização e a um mundo autorregulado pelos mercados.

² Organização sem fins lucrativos fundada na cidade de San Francisco, Califórnia, em 1990. A EFF tinha como princípios e objetivos proteger os direitos de liberdade de expressão no contexto da era digital.

³ Refiro-me aqui, por exemplo, ao diretor da empresa Tesla, Elon Musk, um dos homens mais ricos e poderosos do mundo. Tesla, inc. é uma empresa que produz automóveis elétricos e depende do lítio para a fabricação de suas baterias. Recentemente, após um golpe de estado na Bolívia, um dos países com maior concentração de lítio no mundo, Musk, ao responder a um usuário do twitter, não fez a menor questão de esconder que estava por trás da articulação desse golpe. O usuário escreve: “Você sabe o que não interessa às pessoas? O governo dos EUA organizando um golpe contra Evo Morales na Bolívia para que você possa obter lítio lá”. E Musk responde com arrogância: “Vamos dar golpe em quem quisermos! Lide com isso”.

⁴ O trecho que Bernays cita de H. G. Wells em seu livro (vale notar que se em Goethe o tom era pessimista, em Wells o tom é de grande otimismo): *Los medios de comunicación modernos —el poder que brindan la imprenta, el teléfono y la comunicación sin hilos, entre otros, de transmitir influyentes ideas estratégicas o técnicas a un gran número de centros que colaboran entre sí, y posibilitar prontas respuestas y diálogos efectivos— han inaugurado un nuevo mundo de procesos políticos. Ideas y frases pueden ahora dotarse de una efectividad mayor que la de cualquier gran personalidad y más poderosa que cualquier interés sectorial. Es posible transmitir el designio que nos une y protegerlo contra tergiversaciones o traiciones. Es posible elaborarlo y desarrollarlo con paso firme y extensamente sin que se den malentendidos personales, locales o sectoriales.*

⁵ Ver *A doutrina das semelhanças* de Walter Benjamin.

⁶ Princípio de câmera lenta no cinema. Quanto mais quadros por segundo inserirmos na imagem, maior será o seu tempo de duração e cada vez mais lento será o movimento.

Artigo recebido em 14 de fevereiro de 2021.
Aceito para publicação em 02 de abril de 2021.